

ARANHAS DA FAMÍLIA CTENIDAE, SUBFAMÍLIA PHONEUTRIINAE

VII. CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DE *PHONEUTRIA FERA* PERTY, 1833.
REVALIDAÇÃO E SINONÍMIAS DE *PHONEUTRIA RUFIBARBIS* PERTY, 1838 *

V. DESSIMONI von EICKSTEDT, S. LUCAS e W. BÜCHERL **

Secção de Artrópodos Peçonhentos, Instituto Butantan, São Paulo, Brasil

Como já mencionamos em trabalhos anteriores (1, 2, 3), Perty, em 1833, descreveu como novos o gênero *Phoneutria* e as espécies *rufibarbis* e *fera*, baseadas em duas fêmeas, capturadas por Spix e Martius às margens do Rio Negro, na província do mesmo nome, Brasil e então depositadas no Gabinete Real de Munique. Embora a descrição tivesse sido sumária, é, contudo, suficiente para justificar o gênero.

C. L. Koch (4), em 1848, descreveu o primeiro macho de *Phoneutria fera* citando também uma fêmea, e redescreveu uma fêmea de *rufibarbis*, devendo êstes espécimes terem sido depositados em sua coleção particular em Nürnberg. Nem a procedência dada por Koch, que é apenas "Brasília", nem o texto, oferecem elementos suficientes para se poder afirmar com certeza que estas aranhas realmente pertençam às espécies amazônicas de Perty, não se podendo excluir, porém, a possibilidade deste autor ter trabalhado com material da coleta de Spix e Martius (a fêmea de *Phoneutria fera* estudada por Koch tem a mesma medida do exemplar de *Phoneutria fera* de Perty).

Em 1897, Cambridge (5) descreveu duas novas espécies de *Phoneutria*: *reidi* e *andrewsi*, não as comparando com as de Perty. No mesmo trabalho justificou a designação de *fera* como tipo do gênero *Phoneutria*, por considerar *rufibarbis*, "forma ignota".

Vinte anos depois, Strand (6) descobriu no Museu de Zoologia de Berlim e redescreveu o exemplar tipo de *Phoneutria fera*, etiquetado pelo próprio Perty. Infelizmente, o exemplar, seco e espetado em alfinete, já nessa época encontrava-se com a região ocular parcialmente lesada e sem abdomen, impossibilitando a observação do epígino e de pormenores do colorido.

Walckenaer (7), Gervais (8), Holmberg (9), Keyserling (10, 11), Goeldi (12), Simon (13), Moenkhaus (14) e outros autores mais recentes mencionaram ou redescreveram diversos espécimes, capturados desde a Argentina e sul do Brasil até o Rio de Janeiro, atribuindo-lhes errôneamente, o nome de *fera* ou *rufibarbis*, como já assinalara Cambridge (5) ao alterar os nomes *fera* e *rufibarbis* de Keyserling para *keyserlingi* e *pertyi*, respectivamente.

* Trabalho realizado sob os auspícios do Fundo de Pesquisas do Instituto Butantan.

** Bolsista do Fundo de Pesquisas do Instituto Butantan, Ex-Chefe da Secção de Artrópodos Peçonhentos, Instituto Butantan.

Recebido para publicação em 17 de junho de 1968.

De acordo com consultas feitas aos colegas W. Engelhardt (Munique), O. Kraus (Frankfurt), W. Crome (Berlim) e G. Rack (Hamburgo) é pouco provável a atual existência dos tipos de Perty e dos exemplares da coleção de Koch.

Como os exemplares estudados dêste gênero, procedentes da região amazônica, são, até esta data, em número muito limitado, achamos interessante realizar o presente trabalho, baseado em onze espécimes coletados nessa zona.

Phoneutria fera Perty, 1833

- 1833 *Phoneutria fera* Perty, *Select. Anim. Artic.*, p. 197, Pl. 39, Fig. 3 — Margens do Rio Negro, Amazonas, Brasil, Spix e Martius col. 1817-1820, Gabinete Real de Munique, Holótipo fêmea, por designação de Cambridge, 1897.
- 1848 *Phoneutria fera* C. L. Koch, *Die Arachniden*, 15: 60, Pl. DXX, Fig. 1459 — 1 macho e 1 fêmea, Brasil, Col. part. C. L. Koch, Nürnberg, provavelmente perdidos.
- 1917 *Ctenus ferus* Strand, Arachnol. Var., *Arch. Naturg.*, 82A(2): 72 — redescrição do tipo de Perty, Museu de Zoologia de Berlim, provavelmente perdido.

DIAGNOSE

Aranha marron escura, revestida por pêlos amarelo-acinzentados. Artículo basal das quelíceras, na face anterior, com pêlos castanhos, que passam a vermelho junto ao sulco ungueal. Face dorsal dos três últimos artículos do palpo percorrida por uma larga faixa longitudinal, mediana, escura. Dorso do abdomen com manchas claras.

DESCRIÇÃO

Medidas (em mm): Compr. total (com quel.): 39. Cefalot.: 17 compr.; 13 larg. max.; 7,5 larg. frente. Esterno: 8 compr.; 6 larg. Lábio: 3 compr.; 2,3 larg. meio. Epígino: 3,8 compr.; 3,5 larg. incluindo peças laterais.

Pernas:

	Fêmur	Patela	Tíbia	Metat.	Tarso	Total
I	17,5	7,5	19,5	17	4	65,5
II	16,5	7,5	16	15	4	59
III	13,5	6,5	12	12	4	48
IV	17,5	6,5	15,5	20,5	4,5	64,5

Colorido: Aranha de colorido marron escuro, revestida de curtos pêlos amarelo-acinzentados. Artículo basal das quelíceras, em sua face anterior, com pêlos castanho-amarelados, que passam a vermelho junto à margem superior do sulco ungueal. Lábio e lâminas maxilares denegridos, ápice das últimas com fimbria de pêlos alaranjados. Abdomen dorsalmente com três faixas claras, longitudinais: uma mediana, que parte da base e vai até pouco antes da metade do dorso e duas laterais a ela, formadas por pares de manchas claras, que se dirigem

para as fianneiras. Indícios de linhas oblíquas de manchas claras, dorso-ventrais. Ventre com 4 linhas longitudinais de sigilas, convergentes para as fianneiras. Face dorsal das patelas, tibias e tarsos dos palpos com uma faixa mediana escura, quase negra, acompanhada de ambos os lados por pêlos cinza-claros. Escópulas dos palpos e da face ventral das pernas cinza-escuras, quase negras. Fêmures I e II com mancha escura, ventral, subapical. Pernas posteriores com longos pêlos amarelados na face ventral.

Morfologia: Cefalotórax mais longo que largo, com fóvea longitudinal distinta e pouco profunda; perfil céfalotorácico plano; clípeo vertical. **Olhos:** os quatro medianos formando um quadrângulo, ligeiramente mais estreito na frente; M.A. distantes entre si e dos M.P. pouco menos de um seu diâmetro; M.P. distantes entre si e dos L.A. pouco mais de um raio dos M.P.; L.P. distantes entre si pouco mais de 4 vezes seu diâmetro; segunda fila ocular levemente procurva; M.P. um pouco maiores que os M.A., L.P. um pouco maiores que os M.P. **Queliceras:** cinco dentes na margem inferior do sulco ungueal, o interno, o menor e os quatro outros, grandes e aproximadamente iguais; margem superior com três dentes, o médio, o maior. **Lábio** e **esterno** mais longos que largos. **Pernas** (1.4) 2.3. Escópula em toda a face ventral dos tarsos e metatarsos I e II, nos 4/5 apicais do metatarso III e nos 2/3 apicais das tibias I e II. Tarsos com duas garras terminais munidas de 3 dentes nítidos, seguidos por uma fileira de dentículos. Longos pêlos amarelados revestindo toda a face ventral dos fêmures, patelas e tibias III e IV, formando um tufo basal no metatarso III e ocupando todo o metatarso IV. **Espinulação** (dm = dorso-mediano; la = lateral anterior; lp = lateral posterior; v = ventral; ap = apical):

Perna

	Fe	Pa	Ti	Met
I	3 la, 3dm, 4 lp	0	10v (5 pares)	6v (3 pares)
II	4 la, 3dm, 4 lp	0	10v (5 pares)	6v (3 pares)
III	4 la, 3dm, 4 lp	1 la, 1 lp	6v (3 pares) 2 la, 3dm, 2 lp	6v (3 pares) 4 la, 3 lp, 2d ap
IV	4 la, 3dm, 4 lp	1 la, 1 lp	6v (3 pares) 2 la, 3dm, 2 lp	vários (16-17) irreg. disp.

Palpos: com escópula nítida na face anterior das tibias e tarsos e uma garra com cinco dentes grandes, seguidos por outros muito pequenos. **Espinulação:** fêmur com 4 d.ap. e 1 dm.; patela: 1 la; tibia: 1 lp, 1 dm, 2 la, 1 d. ap.; tarso: 3 la, 2 lp.

Epígino: formado por uma placa fortemente quitinizada e duas peças laterais, curvas para dentro (Fig. 1).

Material e procedência: ♀ N.º C. 3945, Dep. Zool. Secr. Agr. S. Paulo, Pe. Pereira col. 1964, Tapuruçuara, Amazonas, Brasil.

Phoneutria rufibarbis Perty, 1833

1833 *Phoneutria rufibarbis* Perty, *Delect. Anim. Artic.*, p. 197, Pl. 39, Fig. 2 — Holótipo fêmea, Margens Rio Negro, Amazonas, Brasil, Spix e Martius col. 1817-1820, Gabinete Real de Munique. Perdido.

- 1848 *Phoneutria rufibarbis* C. L. Koch, *Die Arachniden*, 15:63, Pl. DXXI, Fig. 1461 — 1 fêmea, Brasil, Col. part. C. L. Koch, Nürnberg. Provavelmente perdido.
- 1897 *Ctenus reidyi* F. O. P. Cambridge, *Ann. Mag. Nat. Hist.* 19 (Ser. 6): 78, Pl. III, Fig. 1a, 2a — 1 fêmea, Santarém, Baixo Amazonas, F. O. P. Cambridge col., Museu Britânico (História Natural).
- 1897 *Ctenus andrewsi* F. O. P. Cambridge, *Ann. Mag. Nat. Hist.*, 19 (Ser. 6): 79, Pl. III, Fig. 2b — 2 fêmeas, Santarém e Pará, Baixo Amazonas, Museu Britânico (História Natural).

Outros exemplares de *Phoneutria reidyi* e *andrewsi* da região amazônica, foram citados também por Mello-Leitão (15), que menciona uma fêmea capturada no Alto Juruá e por Caporiacco (16), que cita uma fêmea de Bartica, Guianas Britânicas.

Em 1897, F. O. P. Cambridge (5) considerou *P. rufibarbis* "forma ignota", no que não foi apoiado por autores posteriores. Praticamente do mesmo biótopo de *P. rufibarbis*, descreveu nessa mesma data, 2 espécies novas de *Ctenus*, que posteriormente foram colocadas sob *Phoneutria* (15): *reidyi* e *andrewsi*.

Os dois exemplares de *reidyi* e *andrewsi* só se diferenciam, conforme o próprio autor assinala, apenas pela presença ou não de pontos brancos no dorso do abdômen, pelo tamanho e pelo epígino.

Tendo à nossa disposição vários exemplares de *Phoneutria* da região amazônica, cujos caracteres morfológicos são plenamente concordantes com os das espécies de Cambridge, pudemos avaliar que os caracteres específicos diferenciais apontados são apenas variações individuais: "a série dupla dorsal de três pontos brancos conspícuos e 3 menores e menos conspícuos de cada lado da linha central" do dorso do abdômen ora se apresenta muito nítida ora é praticamente inexistente; o tamanho não é, como se sabe, caráter específico; o fato de o epígino ser mais longo que largo em *andrewsi* e praticamente tão largo quanto longo em *reidyi* não é suficiente para distinguir duas espécies quando se tem vários exemplares de uma mesma espécie à disposição (Figs. 2 a 4); as duas peças laterais curvas que Cambridge cita como presentes apenas no epígino de *reidyi*, são provavelmente excreções que ficam aí aderidas e endurecem com o tempo, pois são facilmente removíveis, não constituindo parte integrante do epígino. Levantando-se, cuidadosamente, essa "peça", observa-se por baixo dela o tubérculo preto que Cambridge cita como presente em *andrewsi*. Para confirmar nossas observações, consultamos o Dr. D. J. Clark do Museu Britânico (História Natural) que, examinando os exemplares tipo, verificou que de fato as peças curvas do epígino de *reidyi* são excreções e quando elas são removidas, os dois epíginos não se distinguem.

Cambridge, dando únicamente importância à disposição da segunda fila ocular dos seus exemplares, não os colocou sob *Phoneutria* e assim não os comparou com as duas espécies mais antigas do gênero. Verificamos também que os nossos espécimes, além de concordarem com a minuciosa descrição de Cambridge, também se enquadram perfeitamente nos caracteres apontados por Perty para *Phoneutria rufibarbis*.

Pelo exposto, conclui-se que *P. reidyi* e *andrewsi* são sinônimas entre si e idênticas à *Phoneutria rufibarbis* Perty.

MATERIAL

Damos, a seguir, a relação de 4 dos exemplares de *Phoneutria rufibarbis* estudados:

♀ N.^o 6305 — Col. Dep. Zool. Secr. Agric. S. Paulo, exped. 20/X/59, Rodovia Belém-Brasília, Km. 93, Pará, Brasil.

Medidas (em mm):

Cefalot.: 15 x 12,5	Lábio: 2,5 x 2
Esterno: 7 x 5,5	Compr.: 37 (com mand.)

Pernas:

	Fe	Pa + Ti	Met.	Tarso	Total
I	16,5	24	14,5	4	59
II	16	21,5	13,5	4	55
III	13	16	11	4	44
IV	15,5	19,5	18	4,5	57,5

♀ N.^o 6328 — Col. Dep. Zool. Secr. Agric. S. Paulo, exp. Dep. Zool. 20/IV/67, Margem esquerda Rio Negro, abaixo ilha Anavilhana, Amazonas, Brasil.

Medidas (em mm):

Cefalot.: 14 x 11	Lábio: 2,5 x 2,1
Esterno: 6,5 x 5,5	Compr.: 36 (com mand.)

Pernas:

	Fe	Pa + Ti	Met	Tarso	Total
I	15,5	22	13	4	54,5
II	14,5	20	12	4	50,5
III	12	15	9,5	4	40,5
IV	14,5	18	16	4,5	53

♀ N.^o 6313 — Col. Dep. Zool. Secr. Agric. S. Paulo, Vanzolini col. 1-5/IV/67, Boca Purus, Amazonas, Brasil.

Medidas (em mm):

Cefalot.: 13 x 10,5	Lábio: 2,4 x 1,9
Esterno: 5,5 x 5	Compr.: 27,5 (com mand.)

Pernas:

	Fe	Pa + Ti	Met.	Tarso	Total
I	12	18	11	3	44
II	11	16	9,5	3	39,5
III	9	12,5	7,5	3	32
IV	11,5	15	13	3,5	43

♀ N.^o 2002 — Col. Inst. Butantan, Reinaldo Damasceno col., Macapá, Território Amapá, Brasil.

Medidas (em mm):

Cefalot.: 16 x 12	Lábio: 3 x 2,5
Esterno: 7 x 5	Compr.: 40 (com mand.)

Pernas:

	Fe	Pa + Ti	Met.	Tarso	Total
I	16	23,5	14,5	4	58
II	15	21	13	4	53
III	12,5	16	10,5	3,5	42,5
IV	15	19,5	17	4	55,5

Além desses 4 exemplares, tivemos em mãos uma fêmea adulta de Utinga, Pará (N.^o 2169 Col. Inst. Butantan), uma fêmea e um macho jovem de Iquiri, Território do Acre (N.^o 2435 Dep. Zool. Secr. Agric. S. Paulo) e uma fêmea e 2 machos jovens do Rio Tracajatuba, Território do Amapá (N.^o 1957 Col. Inst. Butantan).

Para complementar a descrição de Cambridge, fornecemos em seguida alguns pormenores sobre o colorido e a morfologia externa de *P. rufibarbis*: Abdomen com pares de pontos brancos no dorso e filas oblíquas de manchas brancas indo da região dorsal até o ventre; quatro filas longitudinais de pequenas sigilas na região ventral, as 2 mais anteriores e centrais, maiores e cercadas por pelos claros. Compridos pelos amarelados revestindo toda a face ventral dos fêmures, pat. e tibias III e IV, ocupando a 1/2 basal do met. III e praticamente todo o met. IV. Escópula em toda a face ventral dos tarsos I a IV e met. I e II, nos 2/3 apicais do met. III, no ápice do met. IV e no terço apical da tibia I. Espinulação das pernas e dos palpos como a descrita para *fera*, notando-se pequenas diferenças individuais quando se compararam os diversos exemplares.

Diagnose diferencial: Distingue-se *P. fera* de *P. rufibarbis* pelo epígino, pela presença de um desenho formado por manchas claras no dorso do abdomen em *fera* e de uma série dupla de pontos brancos em *rufibarbis*, pelo colorido dos pelos da face anterior do artigo basal das quelíceras, castanho em *fera* e vermelho em *rufibarbis*, pela existência de uma larga faixa long. mediana escura nos 3 últimos artículos do palpo de *fera* e de 2 linhas claras long. paralelas em *rufibarbis*. Quanto à *boliviensis* Cambridge, 1897, distingue-se de *rufibarbis* pelo desenho do dorso do abdomen, pelo epígino (Cambridge o compara com os de *keyserlingi* e *nigriventer*, que são muito diferentes do de *rufibarbis*). O exemplar descrito neste trabalho como *P. fera* assemelha-se bastante com *Phoneutria boliviensis* Cambridge mas difere dela pelo epígino, que não se parece com o de *nigriventer*.

DISCUSSÃO

O estudo do material amazônico disponível revelou que a espécie *rufibarbis* de Perty é bem definida e válida, não se justificando a designação de "forma ignota" feita por Cambridge. O exemplar procedente de Tapurucuara foi classificado como *P. fera*, apesar de apresentar desenho nítido no dorso e lados do abdomen porque tudo faz supor que tenha sido capturado num biótopo semelhante ao do tipo de *fera*. Além disso, como ele distingue-se nitidamente dos exemplares de *rufibarbis* estudados e como Cambridge designou *fera* o tipo do gênero e este nome já está consagrado na literatura, achamos ser este o procedimento mais acertado.

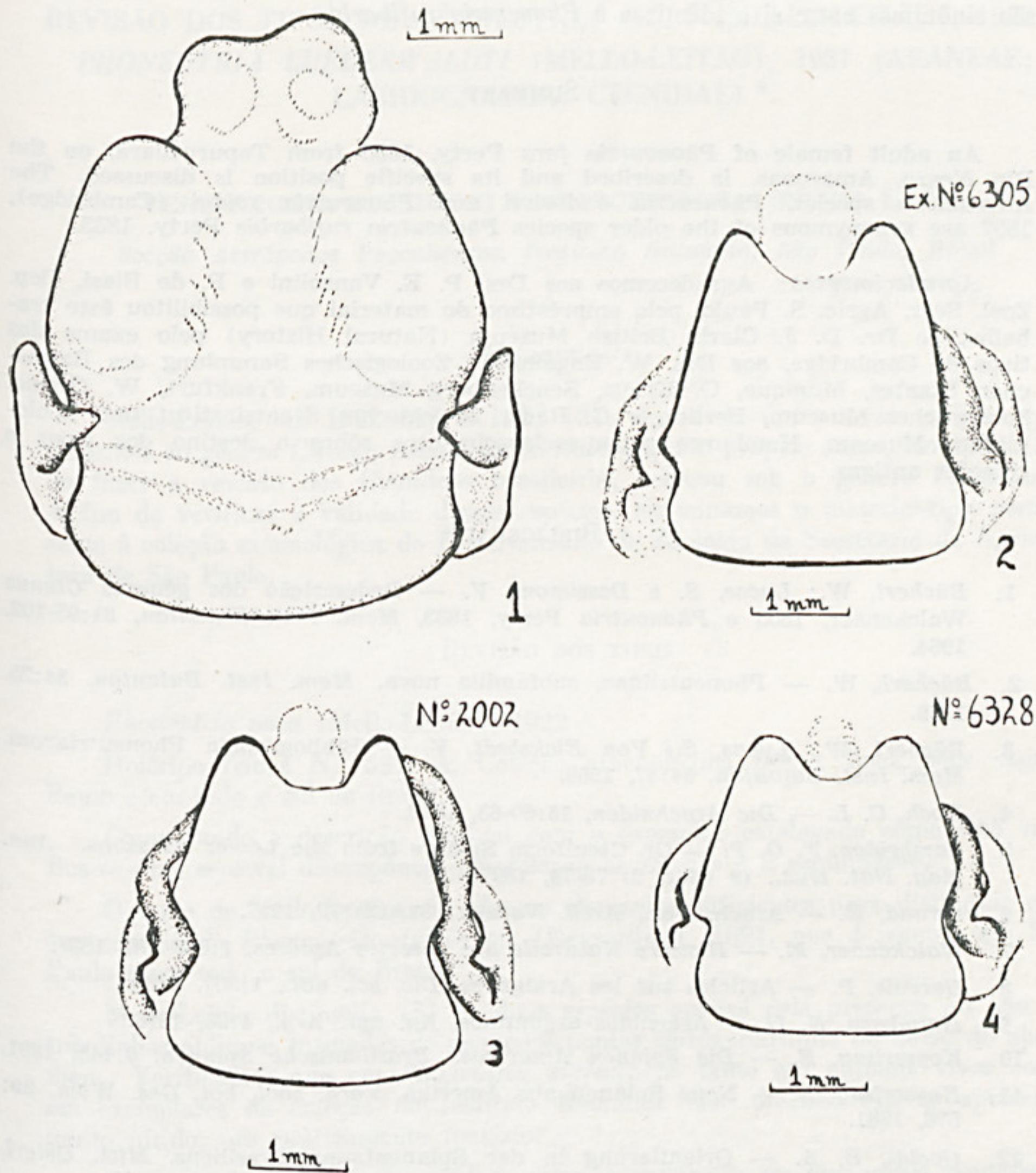


Fig. 1 — *Phoneutria fera* Perty, 1833, epigino, face ventral.

Fig. 2-4 — *Phoneutria rufibarbis* Perty, 1833, epigino, face ventral.

RESUMO

Uma fêmea adulta de *Phoneutria fera*, Perty, 1833, procedente de Tapuru-cuara, junto ao Rio Negro, Amazonas, é descrita e sua posição específica é justificada. É demonstrado que as espécies amazônicas *Phoneutria reidyi* e *andrewsi* são sinônimas entre si e idênticas à *Phoneutria rufibarbis*.

SUMMARY

An adult female of *Phoneutria fera* Perty, 1833 from Tapuru-cuara, on the Rio Negro, Amazonas, is described and its specific position is discussed. The Amazonean species, *Phoneutria andrewsi* and *Phoneutria reidyi* (Cambridge), 1897 are synonymous of the older species *Phoneutria rufibarbis* Perty, 1833.

Agradecimentos: Agradecemos aos Drs. P. E. Vanzolini e P. de Biasi, Dep. Zool. Secr. Agric. S. Paulo, pelo empréstimo do material que possibilitou este trabalho, ao Dr. D. J. Clark, British Museum (Natural History) pelo exame dos tipos de Cambridge, aos Drs. W. Engelhardt, Zoologisches Sammlung des Bayrischen Staates, Munique, O. Kraus, Senckenberg Museum, Frankfurt, W. Crome, Zoologisches Museum, Berlim, e G. Rack, Zoologisches Staatsinstitut und Zoologisches Museum, Hamburgo pelos esclarecimentos sobre o destino dos tipos e coleções antigas.

BIBLIOGRAFIA

1. Bücherl, W.; Lucas, S. e Dessimoni, V. — Redescrição dos gêneros *Ctenus* Walckenaer, 1805 e *Phoneutria* Perty, 1833, *Mem. Inst. Butantan*, **31**:95-102, 1964.
2. Bücherl, W. — Phoneutriinae, subfamília nova. *Mem. Inst. Butantan*, **34**:25, 1969.
3. Bücherl, W.; Lucas, S.; Von Eickstedt, V. — Bibliographia Phoneutriarum, *Mem. Inst. Butantan*, **34**:47, 1969.
4. Koch, C. L. — *Die Arachniden*, **15**:60-63, 1848.
5. Cambridge, F. O. P. — On Cteniform Spiders from the Lower Amazons, *Ann. Mag. Nat. Hist.*, **19** (Ser. 6):78-79, 1897.
6. Strand, E. — Arach. Var., *Arch. Naturg.*, **82A(2)**:72, 1917.
7. Walckenaer, M. — *Histoire Naturelle des Insectes Aptères*, **1**:369-370, 1837.
8. Gervais, P. — Articles sur les Araignées, *Dic. sci. nat.*, **1**:307, 1840.
9. Holmberg, E. L. — Arácnidos argentinos, *An. agr. Arg.*, **4**:26, 1876.
10. Keyserling, E. — *Die Spinnen Amerikas. Brasilianische Spinnen*, **3**:145, 1891.
11. Keyserling, E. — Neue Spinnen aus Amerika, *Verh. zool. bot. Ges. Wien*, **30**: 576, 1881.
12. Goeldi, E. A. — Orientierung in der Spinnenfauna Brasiliens, *Mitt. Osterl.* **5**:213, 1892.
13. Simon, E. — Liste des Arachnides recueillis aux îles du Cap-Vert, dans la République Argentine et le Paraguay, *Boll. Mus. zool. anat. comp. Torino*, **12** (270):2-3, 1897.
14. Moenkhaus, W. J. — Contribuição para o conhecimento das aranhas de S. Paulo, *Rev. Mus. Paulista*, **3**:78, 1898.
15. Mello-Leitão, C. — Contribution à l'étude des Ctenides du Brésil. *Festschr. Strand* **1**:15-18, 1936.
16. Caporiacco, L. — Arachnida of British Guiana. *Proc. Zool. Soc. London*, **118**:681, 1948-49.